

(Re)pensando o misticismo pelo gênero, o caso de *Revelações do Amor Divino* e *O Livro de Margery Kempe* (Séculos XIV-XV)

Victória Artigas Pause

Doutoranda em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista do CNPq

Renato Viana Boy

Professor de História Antiga e Medieval da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

Resumo

A presente comunicação é a partir da incipiente pesquisa que propõe analisar as obras literárias *Revelações do Amor Divino* (finalizado em fins dos anos 1390) e *O livro de Margery Kempe* (finalizado aproximadamente em 1440) considerando-as como atos de resistência às estruturas de gênero vigentes do findar da Idade Média. Desse modo, pretende-se problematizar as narrativas para (re)pensar identidades de gênero a partir da fé das protagonistas. Assim, é necessário identificar as diferenças sociais e culturais, produtos de uma generificação, que eram percebidas pelos sujeitos e como esses se relacionam com esses regimes de alteridade, gênero e como isso impactou nas histórias das personagens. Neste sentido, o objetivo geral é demonstrar que as protagonistas subvertem as normas imperativas de gênero, estas em que os indivíduos precisam se perceber com as identidades postas por uma estrutura generificada. Desta maneira, vemos nas narrativas a possibilidade de compreender mulheres que conseguem ter poder de ação por meio da fé para repensarmos os estudos de identidades.

Palavras-chave: Idade Média; Gênero; Mulheres; Identidades.

Abstract

The present communication stems from an incipient research project that aims to analyze the literary works *Revelations of Divine Love* (completed in the late 1390s) and *The Book of Margery Kempe* (completed around 1440), considering them as acts of resistance to the prevailing gender structures at the close of the Middle Ages. In this sense, the intention is to problematize the narratives to (re)think gender identities based on the faith of the protagonists. Thus, it is necessary to identify the social and cultural differences, products of a gendered system, that were perceived by the subjects and to examine how they relate to these regimes of alterity, gender, and how this impacted the characters' stories. In this regard, the general objective is to demonstrate that the protagonists subvert the imperative norms of gender, which require individuals to perceive themselves through identities imposed by a gendered structure. In this way, the narratives reveal the possibility of understanding women who, through faith, achieve agency, allowing us to rethink identity studies.

Keywords: Middle Ages; Gender; Women; Identity.

Introdução

Em meio às novas tendências de explorar o universo de produção intelectual feminino, questionar algumas formas pensar o movimento do misticismo medieval ocidental¹, “experiência mística sempre deve envolver uma dimensão prática na vida daquele que experienciou Deus” Veliq, 2023), aparece como um bom campo de investigações dessa questão. Assim, como forma de apresentar al-

¹ Movimento no ocidente marcado pelo cristianismo, segundo Veliq “para falar em mística cristã, o que é pressuposto é a possibilidade de comunicação direta entre o homem e Deus.”. Ver em: VELIQ, Fabiano. A Teologia Mística Medieval: um percurso. *Sapere aude*. Belo Horizonte, v. 14 – n. 27, p. 306-324, Jan./Jun. 2023.

gumas discussões breves sobre a categoria do gênero aplicada ao misticismo pode revelar estruturas de flutuação de identidades de gêneros postas como estáticas a um primeiro olhar para essa sociedade inglesa da virada do século XIV para o XV.

Dessa forma, esse trabalho propõe pensar as estruturas de gênero como parte de uma engrenagem de organização social marcada por uma diferenciação sexual pautada em performances culturais de masculino e feminino. Quando demarcado que essas diferenças são criadas socialmente podemos investigar essa performatividade como uma atuação constante e se por assim entendida também pode assumir um caráter paródico. Concebido que o gênero é uma paródia em contínuo movimento de transformação, percebemos que os sujeitos conseguem se deslocar dentro dessa estrutura, ainda que não podem ultrapassá-lo totalmente. Neste sentido, evocamos os estudos de Judith Butler para entendermos como os sujeitos enfrentam essa estrutura e transformam as questões de gênero mais complexas que aparentam. Com o olhar voltado para o movimento místico o qual as escritoras das obras a qual trabalhamos fizeram parte, queremos analisar como olhar esse misticismo pela campo de estudos do gênero.

1. Questões iniciais: contextos e proposições teóricas

A partir da consciência de mulheres medievais que produziram literatura, a produção historiográfica que pretendemos seguir ao longo desta pesquisa, seguirá a inquietante problemática da inserção das mulheres na História. Quando Scott (1992, p. 90) ressalta essa característica, de pesquisa que envolvem mulheres, ela nos indica que se trata de uma tarefa ambígua

As mulheres não podem ser adicionadas sem uma remodelação fundamental nos termos, padrões e suposições daquilo que passou para a história objetiva, neutra e universal no passado, porque essa visão da história incluía em sua própria definição de si mesma a exclusão das mulheres (SCOTT, 1992, p. 90).

Neste sentido, é ambígua porque nos explicita que, ao mesmo tempo, as mulheres não fazem parte de uma construção historiográfica e quando queremos fazê-la, percebemos sua ausência marcada por justamente nossa busca por adição a esse *corpus* da História. Com esse paradoxo teórico, as questões feministas preocupadas com esses dilemas e a fim de tentar resolvê-los, demarcaram o uso da categoria gênero como forma de construir uma historiografia mais longe possível da sua tradicional constituição, predominantemente marcada por heróis masculinos.

A tentativa de compreender processos históricos pelo olhar do gênero geram novas perspectivas, que subvertem narrativas do passado, nesse caso queremos repensar o movimento do misticis-

mo a partir das escritas de Julian de Norwich e Margery Kempe. E com isso, nossa tentativa de buscar as dissonâncias presentes nas suas produções em relação aos projetos de cristianismo em voga em outras obras místicas produzidas por homens. Partindo das peculiaridades dessa literatura, é necessário de antemão creditar o movimento místico como de grande importância do período da Baixa Idade Média. Os livros, os quais selecionamos para nossa pesquisa, já fazem parte do arcabouço de fontes a qual a autora está familiarizada, e por isso a busca por seguir investigando essa literatura rica de suprimentos para uma História preocupada com o lugar das mulheres nos diversos contextos históricos.

2. A literatura mística de Julian de Norwich e Margery Kempe

Revelações do Amor Divino (finalizado em fins dos anos 1390), de Julian de Norwich e *O Livro de Margery Kempe* (finalizado aproximadamente em 1440), de Margery Kempe, ambas autoras inglesas que se consolidaram como mulheres importantes dentro do cristianismo católico ao longo dos séculos. Suas imagens evocam espiritualidade e turismo nas cidades de Norwich e King's Lynn ambas na Inglaterra, as Igrejas de St. Julian's e King's Lynn Minster (antiga St Margaret's) indicam isso². Julian de Norwich, uma anacoreta³, considerada a primeira mulher a escrever um livro em inglês e Margery Kempe, a primeira a escrever uma autobiografia no idioma. Observa-se que essa popularidade é posterior a suas publicações, embora Kempe em seu livro demonstra que Julian tinha uma espécie de fama como conselheira espiritual. Embora populares ao longo dos séculos e obterem espaços nas suas respectivas Igrejas para turismo, o mesmo não aconteceu com suas obras que permanecem à margem das experiências intelectuais da Idade Média.

Neste ponto, cabe demarcar que as mulheres são sujeitos históricos com passado e que pode-se enxergar nessas produções oportunidades para repensar esse contexto histórico para além de regimes de opressão generalistas sobre as mulheres no período. Nesse sentido, com o foco nas narrativas das obras, podemos repensar as noções sobre como determinados grupos sociais exerciam a subjetividade na religião cristã e como isso implica na publicação desses livros. Um fator importante quando queremos jogar luz nas nossas fontes, situando-as como produto de uma subjetividade feminina exercida pelas personagens nas suas leituras acerca dos desígnios divinos.

² Existem sites destas Igrejas e ambos possuem seções destinadas às duas escritoras, respectivamente os links são relacionados a Igreja de St. Julian's e o segundo a King's Lynn Minster (<https://www.visitnorwich.co.uk/see-vice/st-julians-church/> e <https://kingslynnminster.org/margery-kempe/>)

³ Segundo definições de Oxford Languages: Um monge cristão ou eremita que vive em retiro, solitariamente, especialmente nos primeiros tempos do cristianismo.

A obra de Julian possui algumas edições traduzidas em português, dentre elas usaremos das editoras Vozes (2018) e Companhia das Letras-Penguin Classics (2023). Para a obra de Margery Kempe temos a edição em espanhol da editora da Universitat de Valencia (2012) e recente tradução para o português na tese de Luã Áquila Ferreira de Freitas, *O Livro de Margery Kempe: Tradução, Notas e Comentários de Luã Áquila Ferreira De Freitas* (2023). Apresentada as versões das nossas fontes que serão utilizadas explicaremos brevemente sobre o conteúdo de cada livro.

A obra *Revelações do Amor Divino*, de Julian de Norwich nos apresenta suas dezesseis revelações sobre o amor divino. E são elas respectivamente apresentadas na versão da editora Vozes nos seguintes tópicos: o primeiro assunto é os aspectos da Trindade, Encarnação e unidade entre Deus e a alma do homem, além de outros ensinamentos sobre o amor divino. A segunda trata acerca da paixão divina. Na terceira visão é abordada a origem de tudo que é feito. A quarta é sobre o abatimento do seu corpo. No próximo capítulo aborda a visão que ela recebeu sobre como Cristo com sua paixão abateu Satanás. Na sexta é sobre a generosidade do Senhor. A sétima trata da bondade de Deus. A seguinte, a oitava visão, é de Julian tendo a experiência de presenciar a morte de Cristo. Na nona visão é apresentado como encontrar consolo em Deus. Já a décima visão é sobre o coração sagrado de Cristo. Na décima primeira temos menção à figura da Virgem Maria. A décima segunda é sobre a glória de Deus. Na décima terceira ela discute sobre manter a fé nos planos divinos. Já a décima quarta visão, a qual possui dois capítulos destinados a esclarecimentos de Julian, é sobre a importância da oração e como a relação criador e criatura funciona mediante o amor divino. Nesta visão que possui uma atenção maior da escritora, pois ganha um capítulo, “outras reflexões sobre a décima quarta revelação”, para discutir de modo mais detalhado. Julian partiu do entendimento desse amor divino por meio de duas características, a compaixão e a graça, que respectivamente simboliza a maternidade e paternidade da figura de Cristo. Ressaltando que Julian adicionou um elemento interessante a figura divina, em que as qualidades de mãe como fundamentais para entender o amor de Cristo pelos humanos. A penúltima visão aborda as questões acerca de acreditar na benevolência divina para chegar até o paraíso. E a última visão é uma última discussão sobre o amor divino. Na versão da editora Companhia das Letras o livro está baseado na concepção original das publicações, diferentemente da versão da Vozes. Isso porque primeiramente foi publicado, e o que ficou conhecido como Relato Curto, é a apresentação das visões em vinte e cinco partes, e anos depois foi publicado o Relato Longo, ou *Revelações do Amor Divino* em que a obra traz uma maior discussão de suas visões, como se ela tivesse revisitado suas visões para melhor explicá-las e acabou ficando organizado em dezesseis visões. Outro fator interessante é que nessa segunda publicação foi retirado de

maneira clara as inscrições de uma autora feminina, algo presente na primeira versão. Desta maneira, Serão consultadas essas duas edições justamente pela diferença de publicação, pois uma editora manteve os formatos originais do pensamento de Julian e a outra escolheu não publicar a versão do Relato Curto.

A segunda fonte, *O livro de Margery Kempe*, de Margery Kempe traz a nova vida peregrina desta mulher após passar uma situação grave de enfermidade, e interpretada como loucura por aqueles que viviam com ela, em que o divino se manifestou e a curou desse mal. Acerca do aspecto contudístico de sua considerada autobiografia, ela possui como ponto central da narração as peregrinações de Kempe. Nesta edição da Universitat de Valencia ela conta como iniciou suas viagens, incitada por visões com Cristo, Maria e Espírito Santo, em que colocou nela a vontade de conhecer os lugares santos pela Europa, além de guiar sua vida para uma devoção total à religião. Desse modo, a narrativa conta com principalmente suas peregrinações, mas também apresenta como Kempe se envolveu com sua missão além do campo de transmissão da palavra de Deus, se envolvendo em questões dos lugares em que visitava, a maioria conhecidos como santos na época (por exemplo Santiago de Compostela), tendo visões, previsões e intermediações divinas para esses locais e pessoas que ali residiam. Outro ponto narrado na obra é a perseguição que a escritora testemunhou em alguns lugares, sendo em algum caso considerada herege ou ainda era deixada de lado por seus companheiros de peregrinação por ser emotiva demais. Um dos pontos interessantes da obra é sua visita justamente a anacoreta Julian de Norwich, para aconselhamento sobre suas dúvidas em relação a suas interações com as figuras divinas, ou seja, as duas personagens personagens. Esses pontos da narrativa elucidam a experiência de modo geral que Kempe narrou, assim nos proporcionando uma noção sobre suas redes de sociabilidade e a busca constante por uma legitimação da sua fé. De modo geral a obra possui dois capítulos, o Livro I é mais extenso sendo contemplado com oitenta e nove capítulos. Já o livro II que foi adicionado pelo seu escriba e possui dez capítulos. A tradução em português de Luã Áquila Ferreira de Freitas ele faz um introdução sobre a temática no geral e o conteúdo da obra e após isso faz a tradução da obra, em que vários momentos inclui informações sobre o contexto histórico ou informativo em notas de rodapé, o que cremos auxiliar a leitura daqueles que não são da área da História. Assim, a partir de diálogos das personagens com Deus, dentre outras divindades, podem nos auxiliar na compreensão da visão de mulheres sobre a religião a qual pertenciam e como vivenciavam essa experiência.

3. Percepções de gênero e suas possibilidades no misticismo inglês de *Revelações do Amor Divino* e de *O Livro de Margery Kempe*

Evocar questões relacionadas à espiritualidade no medievo é transitar em questões de caráter ontológico. Esse longo período da humanidade tinha como uma de suas características marcantes possuir sociedades teístas, ou seja, tinham como palco de suas cosmovisões uma divindade maior responsável pelo mundo o qual viviam, nesse caso, o Deus cristão. As características ontológicas dessas sociedades eram cristãs e, portanto, não podem ser esquecidas quando estudamos sujeitos desse passado em questão. Nossas fontes apresentam revelações que demonstram como o divino se relaciona com as personagens, e não esquecendo da verossimilhança quando tratamos de documentos literários, queremos pensar nessa relação como fonte de resistência ao ideal normativo do gênero. Como indica Frazão (p. 6, 2002), quando trabalhamos com o gênero literário precisamos nos atentar ao “[...] enredo e personagens, se há narrador, indicação ou não do tempo e espaço em que se passa a história”, pontos que ajudam a explicar o contexto de criação da obra. Esses elementos serão buscados e respondidos ao longo da pesquisa, na busca de uma maior compreensão de como essas obras são situadas em um contexto de estrutura social e cultural, se o objetivo é pensar como identidades de gênero foram elaboradas nas narrativas.

Para Segismundo Spina (2007, p. 12) a literatura medieval é uma produção da coletividade e dela extrai-se as várias faces do medievo, as quais foram importantes para as criações literárias e suas diversas formas. Neste sentido, Georges Duby (2011, p.10) indica como todas as sociedades precisam, para sobreviver criar estruturas, para além de indivíduos é necessário que o sistema cultural também se reproduza. Entendemos, assim, que a literatura é uma das formas pelas quais um sistema cultural pode se apoiar para garantir essa reprodução. Dessa forma, partimos da noção apresentada por Duby (2011, p. 12): “[...] não esqueçamos jamais que todo preceito de lei ou de moral constitui apenas um elemento entre outros de uma construção ideológica edificada para justificar certas ações e para, numa certa medida, mascará-las.” Isso nos indica que o sistema cultural opera em favor de lógicas de normatividade. Contudo, o historiador ressalta que “toda regra é mais ou menos transgredida” (Duby, 2011, p. 12). Neste sentido, quando Judith Butler (2018, p.28) afirma que,

[...] a "cultura" relevante que "constrói" o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino.

Dessa forma, notamos que o gênero é uma relação construída nos limites culturais e, portanto, ligada a determinadas normas de sociedades específicas. Partindo desse pressuposto, buscamos associar essa produção mística às formulações de gênero no contexto da Inglaterra do final do século XIV e início do XV. Entretanto, é necessária uma contextualização espacial e temporal do local onde as obras foram publicadas e do impacto desses fatores na publicação dos livros das místicas.

A Inglaterra desse contexto era um local marcado por epidemias, revoltas e até mesmo heresias (Flores, 2013, p. 173). No livro de *Margery Kempe*, inclusive, há menção à heresia Lollarda⁴, sendo a personagem acusada de heresia por algumas pessoas nas cidades de Canterbury e Londres. Esse era um período de intensos debates sobre o ideal cristão, especialmente entre as camadas sociais mais baixas, destacando-se o condado de Norfolk, com cidades como Norwich e Bishop's Lynn (atual King's Lynn), locais de origem de Julian de Norwich e Margery Kempe, respectivamente. Nessas regiões, as repressões ao movimento lollardo eram latentes. Dessa forma, percebemos que o contexto social é tanto referenciado quanto vivido pela personagem Margery. Flores aponta que a Guerra dos Cem Anos também permeou os acontecimentos dessa virada de século, um conflito que intensificou as tensões econômicas na Inglaterra. Por exemplo, com a costa meridional mais vulnerável, a cidade portuária de Norwich, a leste, onde Julian de Norwich residia, ganhou destaque no comércio. Assim como ocorreram mudanças econômicas significativas, o campo cultural e social também foi impactado. O francês, anteriormente usado pela corte inglesa juntamente com o latim, começou a ceder espaço ao inglês médio, à medida que o sentimento nacional incipiente, intensificado pelo confronto bélico, se alargava. O inglês médio passou, então, a ser utilizado oficialmente (Flores, 2013, p. 19). Nesse sentido, observamos o avanço das línguas vernaculares na Europa (Schmidt, 2021), contexto que possivelmente explica o uso do inglês médio na publicação de *Revelações do Amor Divino* e *O Livro de Margery Kempe*, em vez do costumeiro latim utilizado em produções voltadas às discussões religiosas.

Outro marco desse período foi o Grande Cisma do Ocidente, que abalou as relações entre o Papado e a Coroa. Flores (2013, p. 22) explica que, com a mudança da Sé para o território francês, a Inglaterra apoiou um papa italiano. Entre eleições papais contestadas e tentativas de confronto entre aliados e opositores, o Cisma foi encerrado em 1414 pelo Concílio de Constança. Dessa forma, o autor ressalta que, embora os conflitos protagonizados pela Inglaterra não tenham impactado direta-

⁴ A heresia em questão era a Lollarda, movimento reformista na Inglaterra no período, em que por exemplo se incentivava a participação feminina mais presente na religião. Por seus ideais, foi perseguida entre aproximadamente. Ver em: FLORES, José Soares. Maternidade de Deus em Julian de Norwich. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/5868>. Porto Alegre, 2013.

mente a vida das pessoas, o olhar dos cristãos locais em relação à Igreja foi alterado devido às crescentes tensões sociais.

Adicione a isso a degeneração moral geral das ordens religiosas inglesas, a prevalência de clero paroquial iletrado e inadequado, o engajamento esmagador dos bispos e arcebispos na vida política secular, a agitação popular dos Lollardos, e a escalada gradual de textos religiosos disponíveis no vernáculo. O resultado foi um movimento quase inconsciente (mas generalizado), que começou a dar validação significativa para uma espiritualidade séria que dependiam menos e menos das formais fontes eclesiásticas ou de aprovação clerical, e mais na experiência pessoal e santidade - como os escritos de devotos como Juliana de Norwich e seus companheiros místicos ingleses. (Flores, 2013, p. 24)

Percebemos que a produção de textos místicos neste período estão intrinsecamente ligados ao contexto da Inglaterra na transição do século XIV para o XV. Dessa forma, é imprescindível considerar os parâmetros sociais, culturais e históricos ao interpretar nosso corpus documental, pois eles influenciam diretamente as práticas religiosas e a construção das obras místicas analisadas.

Para contemplar nossa temática e refletir sobre como nossas fontes dialogam com nossa investigação, é necessário considerar as duas produções literárias das autoras místicas como uma possível materialização da socialização de papéis de gênero. As narrativas ilustram as possibilidades de as protagonistas participarem, no sentido público, ao externalizarem seus pensamentos sobre o conhecimento espiritual — algo tradicionalmente destinado aos homens — em meio a um cristianismo marcado por animosidades. Corroborando a essa ideia, Velayos (2012, p. 38) historiador que traduziu e escreveu a introdução da versão espanhola *Libro de Margery Kempe: la mujer que se reinventó a sí mesma* define que a obra de Kempe poderia ser um resumo do século XV. As peregrinações da personagem evidenciam não apenas as tensões sociais na Inglaterra, mas também em outras partes da Europa por onde ela passou, incluindo questões relacionadas às relações institucionais da Igreja e às interações entre os gêneros, considerando as sociedades patriarcais do período que demarcam seu protagonismo. Há, portanto, na narrativa, questões de gênero latentes. Sendo possível compreendê-las pois Margery está a todo momento lidando com homens nas suas viagens e que ora a acolhem e outra a desprezam, demonstrando a relacionalidade necessária para os estudos de gênero nesse caso. Dessa forma, a presente discussão se mostra necessária ao considerarmos as possibilidades desse *corpus* documental para a análise do misticismo também pela ótica do campo dos estudos de gênero, prevalecendo, assim, a perspectiva de repensar as subjetividades femininas no contexto cultural do cristianismo.

Neste sentido, o misticismo, como pano de fundo da atuação das personagens dos livros, constitui uma forma de analisar a capacidade do gênero de atravessar as dinâmicas sociais ao mesmo tempo em que as estrutura. Assim, podemos observar que mulheres que realizam um trabalho para além do universo privado da esfera do matrimônio — o que se esperava delas —, inserindo-se no campo público das relações sociais, contribuem para complexificar a existência desses sujeitos.

Dessa forma, a discussão de gênero abrange o sentido das relações sociais entre homens e mulheres, permeando as distinções que a matriz sexual impõe a esses indivíduos. A própria experiência religiosa das duas personagens analisadas apresenta contribuições significativas para a formulação de suas subjetividades. Apesar de marcadamente espiritual, essa experiência está intrinsecamente relacionada às estruturas de poder. Nesse contexto, o interesse pelos estudos do misticismo no campo de gênero possibilita elucidar os processos de subjetivação desses sujeitos e suas atuações dentro dos limites da ordem social imposta pela estrutura binária sexual.

O que propomos é pensar a identidade de gênero por meio da fé feminina com passo adiante nas possibilidades de ultrapassar os problemas advindos da questão que Butler (2000, p.167) elabora como “que questionamento esse domínio excluído e abjeto produz relativamente à hegemonia simbólica?”. Desse modo, consideramos que trabalhar as noções de gênero postas em xeque nas narrativas de Julian e Margery é questionar o sexismo, “sistema institucionalizado”, como elucidada bell hooks⁵ (2020, p. 32), de opressão e exploração pela diferença sexual. Enxergamos a natureza institucional do sexismo de hooks presente nas noções de Butler quando ela aborda que a ordem regulatória dos corpos é binária. Assim, enxergamos nosso *corpus* documental como estratégico para repensar formas de resistências em uma cultura dicotômica baseada nos imperativos sexistas, como hooks (2020, p. 32) afirma acerca do sistema institucional do sexismo, dele ser incapaz “de determinar de modo absoluto o destino das mulheres”, ampliando os paradigmas de atuação das mulheres como sujeito histórico. Destacamos as obras *Revelações do Amor Divino* e de *O Livro de Margery Kempe* como um meio de interpretar como os sujeitos questionavam estruturas sociais genderificadas ainda que utilizem e recorram a essas estruturas para legitimar suas ações. Gerando as relações complexas de homens e mulheres mediante essa estrutura social, as quais queremos trabalhar com mais fôlego na tese de doutorado.

⁵ Mantivemos a grafia do nome da autora a qual ela preferia, em letras minúsculas.

Considerações finais

Este texto é uma reflexão após a finalização da dissertação de mestrado e começo da jornada do doutorado, e por isso não entro em detalhes e pormenores das discussões teóricas e metodológicas da pesquisa. Se trata de um apanhado de questões que venho pensando acerca do misticismo e suas mulheres intelectuais que eram praticantes religiosas experientes e como elas viviam dentro de uma sociedade complexa de camadas teológicas e culturais que a priori não era aconselhada ao sexo feminino exercer.

Mulheres e escritos vem me acompanhando na minha jornada acadêmica há algum tempo, e quanto mais estudo, mais perguntas surgem em relação a essa estrutura social que ora marcadamente religiosa e socialmente fazia como que mulheres fossem designadas para a esfera privada, ora tinha esse mesmo grupo aconselhando fiéis e escrevendo livros. Essa complexidade sempre foi a minha maior fonte de pesquisa, permear por meio da análise de gênero as teias sociais as quais as mulheres desse findar no medievo teciam.

Referências

a. bibliográficas

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**, 2000.

_____. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018

DUBY, Georges. **Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios**; tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

FLORES, Josué Soares. **Maternidade de Deus em Juliana de Norwich**. 2013. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

hooks, bell. **Teoria feminista**. Da margem ao centro. Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2020.

SCOTT, Joan. A história das mulheres. In: BURKE, Peter (org). **A escrita da História: novas perspectivas**- tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de história medieval no Brasil. In: **Jornadas de Historia de las mujeres**, 8, Congreso Iberoamericano de Estudios de Género, 3, 2006.

SPINA, Segismundo. **A cultura literária medieval**. SP: Ateliê Editorial, 2007.

b. fontes

KEMPE, Margery. **O Livro de Margery Kempe**. La mujer que se reinventó a sí misma. Tradução: Salustiano Moreta Velayos. Valencia: Universitat de València, 2012.

FREITAS, Luã. Áquila. Ferreira de. **O livro de Margery Kempe**: tradução, notas e comentários de Luã Áquila Ferreira de Freitas. 2023. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

NORWICH, Julian. **Revelações do Amor Divino**. Tradução: Maria Elisabeth Hallak Neilson. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

_____. **Revelações do Amor Divino**. Tradução: Marcelo Musa Cavallari Penguin-Companhia; 1ª edição, 2023.